

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

ANÁLISE DO MÉTODO TRADICIONAL E DO MÉTODO
SISTÊMICO NA INICIAÇÃO AO FUTSAL

Luis Fernando Rodrigues Arjones

SÃO PAULO
2008

ANÁLISE DO MÉTODO TRADICIONAL E DO MÉTODO SISTÊMICO NA
INICIAÇÃO AO FUTSAL

LUIS FERNANDO RODRIGUES ARJONES

Monografia apresentada ao Departamento de
Esporte da Escola de Educação Física e
Esporte da Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Esporte.

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ ALBERTO AGUILAR CORTEZ

SUMÁRIO

	Página
TABELAS.....	v
QUADROS.....	vi
FIGURAS.....	vii
RESUMO.....	viii
1 INTRODUÇÃO.....	9
Objetivos.....	10
2 JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS.....	11
Características.....	11
Classificação.....	12
Tático-Técnico.....	12
Fases de aprendizagem.....	13
3 FUTSAL.....	16
Histórico.....	16
Características.....	18
Habilidades.....	19
Categorias.....	20
4 MÉTODO TRADICIONAL.....	22
Características.....	22
Especialização Precoce.....	23
O jovem e a competição.....	24
5 MÉTODO SISTÊMICO.....	26
O que é sistema.....	26
Sub Sistemas.....	26
Características.....	27
Níveis de relação.....	27
Princípios do jogo.....	28

	Modelo pendular.....	29
6	CONCLUSÃO.....	31
	REFERÊNCIAS.....	32

TABELAS

	Página
TABELA 1 - PRINCÍPIOS OPERACIONAIS.....	12
TABELA 2 - CLASSIFICAÇÃO DOS JDC.....	13
TABELA 3 - CATEGORIAS.....	21
TABELA 4 - COMPARAÇÃO ENTRE ESPECIALIZAÇÃO PRECOCE E O DESENVOLVIMENTO MULTILATERAL.....	24

QUADROS

	Páginas
QUADRO 1 - FASES DO JOGO.....	15
QUADRO 2 - PRINCÍPIOS DO JOGO.....	28

FIGURAS

	Páginas
FIGURA 1 - O MODELO PENDULAR.....	30

RESUMO

Análise do Método Tradicional e do Método Sistemico na Iniciação ao Futsal

Autor: LUIS FERNANDO RODRIGUES ARJONES
Orientador: PROF. DR. JOSÉ ALBERTO AGUILAR CORTEZ

No processo de ensino-aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos, um grande dilema dos profissionais da área de Educação Física e Esporte esta na definição da metodologia a ser seguida. Os estudos neste assunto avançaram significativamente nos últimos anos, buscando estabelecer métodos mais eficazes e que não causem prejuízos ao desenvolvimento dos jovens atletas. O objetivo deste estudo foi analisar duas das metodologias mais utilizadas na iniciação ao futsal, procurando auxiliar o profissional da área de Educação Física na seleção da metodologia mais adequada a ser trabalhada com jovens praticantes de futsal.

1 INTRODUÇÃO

O ensino dos esportes coletivos vem se constituindo em uma das principais atuações do profissional de Educação Física, não se restringindo somente às aulas em escolas, mas também às academias, aos clubes e às chamadas escolas de esportes.

O professor deve ser capaz de ensinar seus alunos da maneira mais adequada, fazendo com que este aluno seja capaz de obter qualidade nos gestos técnicos e ter um entendimento adequado da dinâmica do jogo, sendo capaz de resolver problemas e evoluir nesta prática.

Para se praticar um esporte coletivo é necessário saber jogar com ou sem a posse de bola. Sem a bola, o jogador precisa se movimentar para buscar espaços para ele e para seus companheiros, principalmente aquele com a posse de bola, com o intuito de ser opção de passe ou buscando situações de finalização. Na defesa, todos precisam estar atentos à marcação dos adversários, mas também estarem prontos para auxiliarem seus companheiros caso seja necessário, pois a defesa, assim como o ataque, é de missão coletiva.

O ensino tradicional dos esportes coletivos é desenvolvido, em sua maioria, maneira tecnicista, consistindo na divisão da modalidade esportiva em técnicas e movimentos padronizados, sendo estes ensinados separadamente, de maneira linear e seqüencial, cabendo ao aluno a junção destes elementos para o desenvolvimento do jogo final (DAOLIO; MARQUES, 2003). Este tipo de metodologia preconiza o ensino da técnica separado do ensino da tática, ou seja, o “como fazer” desvinculado das “razões do fazer” (GARGANTA, 1998).

Assim, os alunos apenas reproduziam movimentos previamente estabelecidos e padronizados, mas não conseguiam compreender o jogo. Uma consequência disso era a especialização precoce do praticante, antes que ele entendesse o jogo e suas características.

As modalidades coletivas têm como característica marcante a imprevisibilidade. Em virtude desta característica, o processo de ensino-aprendizagem ganha uma importância muito grande na busca por um aprendizado ideal e por resultados.

No processo de ensino-aprendizagem de qualquer modalidade esportiva, um grande dilema encontrado pelos profissionais da área é a definição do modelo pedagógico

a ser seguido. A partir da definição desta, o profissional orienta seu trabalho em busca dos objetivos inicialmente traçados.

As duas grandes linhas de ensino mais conhecidas e mais seguidas por profissionais são o método tradicional e o método sistêmico.

O modelo sistêmico está centrado no próprio jogo e no caráter dinâmico das situações-problema que o caracterizam, tendo como princípio básico que o jogador aprende a jogar jogando. Independente do nível de domínio dos fundamentos técnicos, cada jogador aceita o desafio de utilizar todas as suas habilidades para jogar o melhor possível, resolvendo os problemas apresentados pelo jogo. A divisão do jogo em unidades funcionais auxilia no ensino-aprendizagem, criando situações no treinamento onde o aluno é estimulado a resolver problemas semelhantes aos ocorridos no jogo propriamente dito.

O modelo tradicional está baseado no desenvolvimento de habilidades técnicas. Um modelo ideal de execução do gesto técnico é formado a partir da análise do movimento de atletas de alto nível e este é ensinado ao iniciante como a única maneira correta de executar o movimento. Estas habilidades, no entanto, são divididas em fundamentos técnicos devido a sua complexidade (chute, passe, drible etc.), e são aprendidas inicialmente fora do contexto do jogo e de forma separada para posteriormente ser utilizada no jogo propriamente dito. Este modelo acredita que, quanto mais amplo for o domínio técnico do praticante, maior a capacidade do mesmo enfrentar situações-problema de caráter tático existentes no jogo.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar os pontos principais destes dois modelos de ensino baseado nas necessidades e características do futsal, auxiliando os profissionais da área a orientar seu trabalho com a iniciação esportiva nesta modalidade.

2 JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS

Características

Os jogos desportivos coletivos (JDC) estão cada vez mais presentes na cultura desportiva contemporânea, não sendo mais apenas um espetáculo desportivo, mas também um meio de educação e inclusão social. Devido a essa grande influência dos JDC no mundo atual, houve uma grande evolução no campo da ciência, buscando maior embasamento para o ensino e especialização dentro das modalidades esportivas.

Segundo Garganta (1998), o que caracteriza os JDC é o confronto entre duas equipes que, cumprindo o regulamento, se dispõem de forma particular no terreno de jogo e se movimentam com o objetivo de vencer ao adversário. Através de mudanças sucessivas em suas configurações, as equipes geram relações de cooperação e oposição em função do objetivo do jogo.

O problema fundamental dos JDC pode ser explicado como, em uma situação de oposição, os jogadores devem realizar suas ações de forma coordenada, visando recuperar, conservar e progredir o instrumento do jogo (comumente uma bola), como objetivo de criar situações de finalização e marcação do ponto ou gol (GREHAIGNE & GUILLON, 1992).

Segundo Garganta (1998), se tomarmos consciência deste entendimento, este problema pode ser dividido em 3 subproblemas. São eles:

(1) No plano espacial e temporal – resolução de problemas de utilização da bola (individual e coletivamente), na tentativa de ultrapassar os adversários; problemas na criação de obstáculos, na tentativa de dificultar os movimentos da bola e dos adversários, com o intuito de recuperar a posse de bola..

(2) No plano da informação – Problemas ligados a produção de incerteza nos adversários e de relacionamento com os colegas de equipe. Quanto mais alternativas a equipes oferecer a quem possuir a bola, maior o grau de incerteza criado ao adversário.

(3) No plano da organização – Problemas ligados a integração da ação pessoal aos objetivos da equipe, interligando o projeto individual ao projeto coletivo.

Partindo do pressuposto de conquistar o objetivo do jogo, se percebe uma prevalência de situações estratégico-táticas, em virtude das características do jogo. São elas

a utilização do espaço do jogo (comum ou separado), forma de participação (simultânea ou alternada), forma de disputa (troca ou circulação da bola) e da natureza do conflito (oposição ou cooperação/oposição) e a interação entre os atletas (GARGANTA, 1998).

Garganta e Gréhaigne (1999) consideram como indissociável nos JDC, na busca dos objetivos do jogo, algumas atividades em particular. São elas:

- Uma relação de forças entre duas equipes diferentes, que disputam ou trocam a posse de um objeto;
- A escolha de habilidades motoras a partir do repertório motor do praticante;
- Estratégias individuais e coletivas que condicionam as decisões implícitas e explícitas, realizadas com o intuito de vencer o adversário.

Bayer (1994), considerando as semelhanças entre todas as modalidades esportivas, define seis princípios operacionais comuns, divididos em dois grupos: Ataque e Defesa.

Tabela 1 - Princípios operacionais

Ataque		Defesa
Conservação da Bola	X	Recuperação da Bola
Progressão da Bola e da Equipe em Direção ao Alvo	X	Impedir o Avanço da Equipe Adversária em Direção ao Próprio Alvo
Finalização da Jogada	X	Impedir Finalização da Equipe Adversária

Fonte: Bayer (1994)

Classificação

Tomando conhecimento das características dos JDC, podemos classificar algumas modalidades esportivas de acordo com sua forma de disputa.

Tático-Técnico

Uma forma de classificarmos os JDC é quanto a suas características técnico-táticas. Dentro desta subdivisão, os jogos desportivos coletivos podem ser caracterizados segundo a ocupação do espaço, a disputa da bola e as trajetórias predominantes da bola ou implemento similar durante a partida.

Tabela 2 - Classificação dos JDC

Categoria	Classificação	Exemplo
Ocupação do Espaço	De invasão	Futsal
	De não invasão	Voleibol
Disputa da Bola	De luta direta	Futsal
	De luta indireta	Voleibol
Trajetórias Predominantes	De troca de bola	Voleibol
	De circulação de bola	Futsal

Fonte: Garganta, 1998

No futsal, assim como no handebol, basquetebol, futebol e em diversas outras modalidades, o espaço é ocupado de forma simultânea pelas duas equipes, caracterizando a invasão do espaço adversário; a luta pela bola é realizada de forma direta, com combate direto entre os atletas e; a trajetória da bola é de circulação entre os jogadores da equipe, com o objetivo de criar um desequilíbrio ao adversário, facilitando a obtenção de um ponto ou gol.

Se analisarmos a modalidade voleibol, percebemos características diferentes em relação às modalidades citadas, pois o espaço não é ocupado simultaneamente pelas equipes, sendo que cada equipe se mantém durante toda a partida em sua quadra; a luta pela bola é indireta, não havendo contato e disputa pela posse da bola e; a trajetória predominante da bola é de troca de posse até a obtenção do ponto.

Fases de aprendizagem

Entender a idéia de que todos os jogos desportivos coletivos (JDC) têm semelhanças estruturais, segundo Daolio (2002), nos auxilia a entender a utilização de abordagens de ensino-aprendizagem que dividem as fases de aprendizagem do esporte coletivo a partir da compreensão que os alunos adquirem do jogo, não utilizando o método tradicional de classificação, de acordo com a faixa etária do praticante e que ignora o princípio da individualidade biológica. Esta abordagem se destaca como a mais correta, visto que leva em conta a fase de desenvolvimento cognitivo-motor do indivíduo, seja ele

criança, adulto, idoso, portador de deficiência ou atraso de desenvolvimento, ou ainda indivíduos que o meio estimulou de forma diferente a uma respectiva modalidade esportiva.

Garganta (1998) listou alguns indicadores de um jogo de fraco nível e os fatores de desenvolvimento de um bom jogo que, segundo ele, o responsável pelo ensino (professor) dos JDC deve ser capaz de identificar.

Indicadores do jogo de fraco nível

- Aglutinação em torno da bola
- Individualismo
- Não procurar espaço para facilitar o passe do colega
- Não defender
- Abuso da verbalização para pedir bola e reclamar
- Desrespeito ao árbitro

Fatores de desenvolvimento do bom jogo

- Circulação de bola
- Afastar-se do colega com a posse de bola
- Dar opções de passes através da busca por espaços vazios
- Leitura de jogo
- Movimentação com e sem bola
- Ocupação de espaço
- Busca pelo objetivo do jogo

Entre estes dois extremos da prática esportiva, existem várias fases passíveis de serem reconhecidas em função das características dos praticantes (GARGANTA, 1998).

Fases	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a Bola
<u>Jogo Anárquico</u> -Centralização na bola -Subfunções -Problemas na compreensão do jogo	Abuso da verbalização, sobretudo para pedir bola	Aglutinação em torno da bola e subfunções	Elevada utilização da visão central
<u>Descentralização</u> -A função não depende apenas da posição da bola	Prevalência da verbalização	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	Da visão central para a visão periférica

<u>Estruturação</u> -Conscientização da coordenação das funções	Verbalização e comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	Do controle visual para o proprioceptivo
<u>Elaboração</u> -Ações inseridas na estratégia da equipe	Prevalência da comunicação motora	Polivalência funcional e coordenação das ações (tática coletiva)	Otimização das capacidades proprioceptivas

Quadro 1 - Fases do jogo

Fonte: Garganta (1998) (adaptado de Garganta, 1985)

3 FUTSAL

Histórico

Existe até hoje uma grande dúvida quanto ao nascimento do Futsal, surgido sob o nome de futebol de salão e que ganhou o nome futsal após 1989, quando passou para a tutela da FIFA.

Uma corrente conta que o futsal apareceu na década de 30 na ACM (Associação Cristã de Moços) de Montevideu e criado pelo professor Juan Carlos Ceriani Gravier, falecido no ano de 1996. Gravier teria criado as primeiras regras do futebol de salão e estas teriam sido trazidas ao Brasil por alguns jovens que por lá passaram. Esta nova modalidade teria ganho o nome de "INDOOR-FOOT-BALL"

Outra corrente, mais aceita para o surgimento do Futebol de Salão, acredita que ele começou a ser praticado na Associação Cristã de Moços, em São Paulo por volta de 1940 que, devido às dificuldades de encontrar campos de futebol para divertimento, improvisaram jogos nas quadras de basquete e hóquei, aproveitando as traves usadas na prática desse último esporte. No início não havia número exato de participantes, variando de 5 a 9, até ser fixado o número limite de cinco jogadores. As bolas eram de crina vegetal ou serragem, sofrendo sucessivas modificações, inclusive com o uso de cortiça granulada.

O Futebol de Salão começou a ser conhecido como o “esporte da bola pesada”, em virtude das bolas terem seu tamanho reduzido e seu peso aumentado para evitar problemas com as novas bolas de futebol de campo, cheias de ar, que saltam demais.

Em São Paulo surgiu a primeira entidade da modalidade da qual se tem notícia até hoje, a Liga de Futebol de Salão da ACM, criada pelo paulista Habid Maphuz, em 1952. Em 1954 foi fundada a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, atualmente com o nome de Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro (FFSRJ), sendo esta a primeira federação deste esporte no mundo. A Federação Uruguaia só surgiu em 1965.

O primeiro livro de regras foi lançado em 1956 pelo paulista Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes. Esta regulamentação das regras é prova que faz diminuir as dúvidas quanto à nacionalidade brasileira do futsal. O novo esporte ganhou corpo, estendendo-se a outros Estados, estabelecendo-se regras elementares procurando disciplinar sua prática.

Dentro de pouco tempo organizavam-se times, disputando torneios abertos. Dada a facilidade para a formação de equipes, rapidamente ganhava adeptos, sendo introduzido em quase todas as Capitais, que já o praticavam copiando regras uns dos outros.

Nos anos 50 começaram a surgir as Federações Estaduais. A pioneira foi a Federação Metropolitana de Futebol de Salão, hoje sob o nome de Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro, fundada em 28 de julho de 1954. O “Torneio de Apresentação” foi a primeira competição oficial organizada no Brasil. Ainda nos anos 50 surgiu a primeira grande rivalidade do futsal brasileiro, entre paulista e cariocas, que disputavam pela soberania novo esporte. Este fato contribuiu e muito para a evolução do futebol de salão no Brasil.

Diante do grande crescimento da modalidade no país, em virtude da paixão do brasileiro pelo futebol ter se espalhado para o futebol de salão e da valorização imobiliária (ocupação dos campos de futebol por outros imóveis), a CBD, Confederação Brasileira de Desportos, resolveu oficializar a prática deste novo esporte, filiando Federações Estaduais e promovendo diversos campeonatos. Em 1971 a CBD, na tentativa de fortalecer a nova modalidade, cria a FIFUSA – Federação Internacional de Futebol de Salão.

Com a criação da Fifusa, órgão que controlou o futebol de salão no mundo até 1989, este esporte ganhou o mundo. Diante deste grande crescimento, a FIFA despertou interesse em tê-lo sobre seu domínio. A partir deste fato e da unificação das regras em todo o mundo, surge o FUTSAL. Atualmente mais de 130 países são filiados a FIFA.

O próximo passo para consolidar o Futsal como uma das modalidades mais populares do mundo é a sua inclusão no programa dos Jogos Olímpicos.

Fatos importantes da história do futsal:

Década de 30: Em 1936, No Rio de Janeiro (Brasil), são publicadas as primeiras regras do Futebol de Salão, na Revista de Educação Física, nº 6

Década de 40: O Futebol de Salão começa a ser difundido no Brasil, através da ACM (SP e RJ), sendo praticado também em clubes e escolas. Em 1942, a ACM proibiu a prática de futsal em todas as suas sedes na América Latina, devido à grande indisciplina de seus praticantes. A única sede a desrespeitar essa ordem foi a ACM (SP).

Década de 50: Esta década se caracteriza pela organização oficial da modalidade. Começam a surgir as federações Carioca (54), Paulista (55), Gaúcha (56), Cearense

(56) e Paranaense (56). O I Campeonato Brasileiro de Seleções acontece em São Paulo, no ano de 1959.

Década de 60: Surge a Confederação Sul Americana de Futebol de Salão, em 1969.

Década de 70: o surgimento da FIFUSA e da CBFS: Em 25 de julho de 1971 é fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão, a FIFUSA, com sede no Rio de Janeiro (Brasil). O 1º presidente era João Havelange. Em 15 de junho de 1979 surge a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), com sede em Fortaleza (CE)

Década de 80: São promovidos o 1º Pan-Americanos (1980), 1º Mundial de Clubes e de Seleções (1982), no Brasil. Ocorreu ainda o Mundial de Cubes de 1985 (Espanha) e de 1988 (Austrália).

Década de 90: O Futebol de Salão (FIFUSA) e o Futebol de Cinco (FIFA) se funde e surge uma nova modalidade esportiva, o FUTSAL, sob a organização da FIFA, que conta com mais de 130 países filiados. Nesta década a FIFA organizou 4 Mundiais: 1989 (Holanda), 92 (Hong Kong), 1996 (Espanha) e 2000 (Guatemala);

Século XXI: Em 2001 é reunida, pela primeira vez na história, a Seleção Brasileira de Futsal Feminino para a disputa do I Campeonato Brasileiro de Seleções de Futsal Feminino, em 2002. Em 2008, a Copa do Mundo de Futsal é realizada no Brasil, com sedes em Brasília e Rio de Janeiro, onde a seleção brasileira se sagrou campeã.

Características

O futsal é uma modalidade classificada como uma modalidade esportiva coletiva por possuir as seis invariantes atribuídas a esta categoria: uma bola, um espaço de jogo, adversários, parceiros, um alvo a atacar e outro para defender e regras específicas (BAYER, 1994)

Para estar dentro desta categoria, esta modalidade deve apresentar certas similaridades com outras modalidades que também se enquadram nesta classificação, como o futebol, o basquetebol, o handebol, o pólo aquático entre outras. Estas similaridades foram nomeadas princípios operacionais, que se dividem em três princípios de ataque e três de defesa. Os de ataque são: conservação da posse de bola, progressão em direção ao alvo adversário e a finalização. Os princípios de defesa são: recuperação da bola, impedimento da progressão da equipe adversária e proteção do próprio alvo

(BAYER, 1994). Segundo as definições de GRAÇA (1998), o futsal deve ser classificado como um esporte de invasão, com a pontuação sendo feita através da marcação de um gol.

Esta modalidade é composta por 5 jogadores, sendo 1 goleiro e 4 jogadores de linha. O campo de jogo é semelhante a um campo de futebol em dimensões reduzidas, sendo atualmente suas medidas máximas de 25m de largura por 42m de comprimento (CBFS). O futsal é uma modalidade extremamente dinâmica, com inúmeras variações nos sistemas ofensivos e defensivos. Ofensivamente, as movimentações podem ocorrer com participação dos quatro jogadores de linhas (3x1, 1x3, 2x2, 4x0) ou com a utilização do goleiro-linha, ou seja, com a participação do goleiro como um quinto jogador de linha (1x2x2, 2x1x2, 1x4). Defensivamente pode-se utilizar 3 tipos de marcação: individual, zona ou mista (MUTTI, 2003).

Habilidades

O Futsal, por ser uma modalidade esportiva onde a maioria dos seus praticantes não pode usar as mãos (exceção feitas aos goleiros), possui algumas habilidades e fundamentos específicos e peculiares. Estas serão explicadas a seguir.

- **Passe:** Uma das técnicas básicas do futsal. O passe é um meio de comunicação entre os elementos da equipe, que viabiliza o andamento das jogadas e o jogo em conjunto (MUTTI, 2003). Os tipos de passe utilizados no futsal são os passes curtos, longos e em elevação. Estes podem ser realizados com a parte interna, externa, de bico, de sola ou com o dorso do pé. Existem ainda os passes de peito, coxa, cabeça e calcanhar, que são considerados passes mais técnicos e de maior habilidade.
- **Chute:** Considerado o movimento mais importante do futsal, pois ele é o meio mais comum de se chegar à meta adversária e fazer um gol. Os chutes podem ser de bico, com o dorso (peito) do pé, voleio (a bola é atingida no ar) e bate - pronto (acerta-se a bola logo após seu contato com o solo). Sua trajetória pode ser rasteira, meia-altura ou alta.
- **Recepção:** Para se manter a posse de bola, é necessário que os jogadores, além de conseguirem realizar passes, consigam receber a bola de maneira correta, seja ela com qualquer parte do corpo. Mutti (2003) caracteriza essa ação com a

capacidade de amortecer a bola através de um relaxamento da musculatura do local onde haverá contato com a bola e um recuo deste segmento.

- Condução: “Conduzir a bola é a ação de carregá-la de uma zona para outra da quadra, principalmente naquele avanço em direção à meta adversária” (MUTTI, 2003). Esta condução deve ser feita próxima ao condutor, para que este possa protegê-la do adversário.
- Drible: Ação do jogador com a bola com o objetivo de ultrapassar o adversário mantendo o domínio sobre a bola. Não existe uma regra de conduta quanto ao drible. A grande vantagem do jogador com bola é o fato de o adversário não saber o que este fará com ela. A improvisação e a imprevisibilidade é que fazem um bom drible.
- Finta: Movimento realizado sem a bola, com a finalidade de ludibriar o adversário e sair da marcação.
- Cabeceio: Ação de atingir a bola com cabeça, seja ofensiva ou defensivamente. A técnica ideal de cabeceio é com a testa realizando o contato com a bola, direcionando-a. Este contato deve ser feito sempre de olhos abertos.
- Marcação: Por se tratar de um esporte de oposição, onde é importante sua equipe ter a posse da bola, a marcação se torna uma habilidade fundamental. Saber jogar sem a posse da bola e ter condições de recuperá-la é extremamente importante na prática do futsal.
- Goleiro: O goleiro merece uma atenção especial quanto a suas habilidades utilizadas no jogo. Seu objetivo é impedir que a bola entre em sua meta, podendo se utilizar de qualquer parte do corpo para tal. Suas principais técnicas são: pegada, reposição, lançamento, defesas altas, defesas baixas, saídas de gol, jogo de quadra (Mutti, 2003).

Categorias

A iniciação no futsal é dividida em sete categorias, de acordo com a faixa etária do praticante. Esta classificação leva em conta apenas o ano de nascimento da criança, desconsiderando sua fase de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. Por serem variáveis de difícil mensuração, esta divisão acaba sendo a utilizada em torneios e também

em aulas para crianças. Uma possível consequência disso é o sub-aproveitamento de alguns praticantes que se encontram numa fase mais avançada do que a média de sua idade e uma dificuldade de acompanhamento por parte daqueles que ainda não atingiram o nível de maturação considerado o ideal para sua idade (BOMPA, 2002). Nos dois casos, um fato comum de se ocorrer é o desinteresse do aluno pela prática esportiva. Uma adequação de acordo com o nível de desenvolvimento do aluno é o mais indicado na iniciação.

Tabela 3 - Categorias

Categoria	Idade
Mamadeira	Sub05
Chupetinha	Sub07
Fraldinha	Sub09
Pré-Mirim	Sub11
Mirim	Sub13
Infantil	Sub15
Infanto-Juvenil	Sub17

Fonte: FPFS (Federação Paulista de Futebol de Salão)

4 MÉTODO TRADICIONAL

Características

Durante muito tempo, a execução do gesto técnico foi considerada o elemento principal e básico para um bom desempenho na prática de uma atividade esportiva (HERNANDEZ-MORENO, 1994).

Em virtude disso, passou-se a utilizar metodologias de ensino-aprendizagem centradas na técnica individual, partindo do princípio de que a soma das partes resultaria no todo, ou seja, no desempenho ótimo na modalidade. Esta estratégia de ensino parte do pressuposto que a execução de uma determinada técnica de forma analítica possibilitaria uma transferência eficaz para as situações de jogo (GARGANTA, 1998).

Desde os anos 60, o ensino dos JDC se caracteriza por utilizar uma didática centrada na análise formal e mecanicista de soluções para situações do jogo de maneira pré-estabelecida.

Gréhaigne e Guillon (1992) apontam para o fato de que o ensino destas modalidades esportivas consiste em fazer os praticantes adquirirem gestos técnicos, utilizando-se de muito tempo para ensinar o gesto técnico e pouco tempo no ensino do jogo propriamente dito.

Hernandez-Moreno (1994) utiliza-se de uma comparação com o funcionamento das máquinas para explicar a relação existente entre a análise do movimento e sua reprodução. Ele afirma que grande parte das estratégias de ensino de diversos movimentos humanos, sejam eles utilizados em modalidades coletivas ou individuais, partem do princípio da reprodução do gesto técnico considerado o ideal, o perfeito.

O gesto esportivo realizado por um atleta profissional representa uma técnica das mais eficientes e belas, mas não pode ser ensinado e exigido de atletas iniciantes, pois estes são movimentos extremamente elaborados e que demandaram muito tempo de treino e dedicação para se atingir este nível (DAOLIO, 2002). Daolio afirma ainda que, para analisar a eficácia e a eficiência de um gesto técnico devemos fazer uma análise cultural da sociedade e do meio onde este praticante está inserido.

Nos anos 90 e ainda nos dias atuais, as aulas de qualquer modalidade esportiva inserida no JDC têm características muito similares. Estas aulas se iniciam com um

aquecimento (com ou sem bola); uma parte principal onde os gestos técnicos selecionados para serem praticados na aula são repetidos, inúmeras vezes e de diversas formas, com ou sem oposição; e uma parte final onde, dependendo do tempo disponível, variam de jogos reduzidos ao jogo formal (GARGANTA, 1998).

Knijnik (2004) classifica esta metodologia de ensino como “aprender para jogar”, onde o praticante aprende as regras do jogo, suas técnicas e suas táticas isoladamente para, depois, praticá-lo como jogo propriamente dito.

Nesta metodologia de ensino, a seqüência pedagógica utilizada pelo professor é, em quase sua totalidade, uma progressão linear do nível de dificuldade na execução dos movimentos, partindo do mais fácil para o mais difícil.

O gesto técnico, quando ensinado fora de situações táticas, tem sua transferência muito diminuída quando realizado em uma situação de jogo (BUNKER; THORPE, 1982 apud GARGANTA, 1998).

No método tradicional, os alunos aprendem a jogar a partir da estrutura do jogo formal, onde cada atleta tem posições e funções previamente definidas na quadra. Com isso, os gestos técnicos realizados por esses atletas também acabam sendo definidos pela função por ele exercida, restringindo e especificando suas ações.

Seguindo essa linha, os praticantes acabam passando pelo processo de especialização precoce, pois sua função no esporte é definida por suas características físicas, motoras e psicossociais, sendo, na maioria das vezes, impedido de vivenciar outras situações dentro do esporte.

Neste método, a função do professor acaba ficando em segundo plano, pois este deixa de ser aquele que irá ensinar o aluno, seja no esporte, psicologicamente e/ou socialmente, para assumir um papel de observador, analisando o padrão técnico do atleta e o classificando a partir disso.

Especialização Precoce

Existem diversas razões para que as crianças e adolescentes sejam estimuladas a ingressar numa modalidade esportiva. Em geral, os jovens praticantes se iniciam na prática esportiva pela afinidade com a modalidade, mas também pela busca de status social

dentro de determinado grupo, melhoria econômica, seguir modelos de atletas de grande divulgação na mídia, vontade dos familiares, diversão, entre outras.

Neste processo de iniciação, para que a criança tenha uma prática adequada, é necessário que o professor respeite os estágios de desenvolvimento deste jovem. É comum observarmos crianças que são levadas a prática esportiva específica sem ter atingido ainda as etapas importantes da solidificação para a prontidão esportiva, colocadas frente a situações que exigem um comportamento psicológico e motor que estas ainda são incapazes de atingir (DE ROSE JR., 2002).

Muitos professores utilizam o conceito que preconiza a prática de gestos específicos desde o início da fase de iniciação esportiva da criança, se utilizando apenas de exercícios específicos desta determinada habilidade motora, com o objetivo de obter resultados imediatos, sem se preocupar com o futuro do indivíduo. Bompa (2002) afirma que esta abordagem é equivocada, pois, em analogia utilizada pelo autor, seria como construir um aranha-céu sem uma fundação adequada, certamente resultando em problemas fisiológicos e psicológicos ao iniciante.

Bompa (2002) defende ainda um desenvolvimento multilateral, onde as crianças desenvolvem diversas habilidades fundamentais gerais antes de iniciar um treinamento em determinada modalidade esportiva. Isto faz com que a criança e o adolescente desenvolvam aptidão motora e física que auxiliam na adaptação a cargas de treino mais elevadas, sem correr os riscos da especialização precoce.

Tabela 4 - Comparação entre especialização precoce e o desenvolvimento multilateral

Especialização Precoce	Programa Multilateral
Melhora rápida do desempenho	Melhoria lenta no desempenho
Auge no desempenho entre 15-16anos	Auge após 18 anos (idade do
	amadurecimento fisiológico e psicológico)
Desempenho inconsistente nas competições	Desempenho consistente
Exaustão e abandono por volta dos 18 anos	Longa vida esportiva
Alto índice de lesões	Pequeno índice de lesões

Fonte: Bompa (2002)

O jovem e a competição

As controvérsias quanto à participação de crianças e jovens em competições esportivas são grandes. Alguns defendem uma posição radicalmente contra, afirmando que este processo é totalmente prejudicial ao desenvolvimento e formação do indivíduo. Outros destacam os pontos positivos desta competição, principalmente na formação do caráter, personalidade e preparação para o mundo adulto, além da aquisição dos valores morais e sociais que o esporte proporciona.

A grande crítica a estas competições é quanto às regras que, em sua grande maioria, seguem os mesmos padrões da modalidade praticada por adultos, sem sofrer adaptações as necessidades dos jovens praticantes. Crianças não são adultos em miniatura, elas possuem características fisiológicas e psicológicas distintas e complexas que precisam ser levadas em consideração (BOMPA, 2002).

Quando um jovem ingressa numa modalidade esportiva e, principalmente, em uma competição esportiva, ele está em busca de sucesso, de realização. Quando este sucesso não é alcançado pode haver um desinteresse na modalidade. Outros fatores que causam um desinteresse na prática esportiva podem ser a não participação da equipe em jogos ou participar pouco, o medo de ser avaliado negativamente ou exposição demasiada, podendo até ser ridicularizado por seu desempenho (DE ROSE JR., 2002).

De Rose Jr. recomenda que as atividades competitivas sejam adequadas ao nível dos atletas, sem cobranças exageradas.

5 MÉTODO SISTÊMICO

O que é sistema

“A equipe é um sistema, uma vez que as ações dos jogadores são integradas numa determinada estrutura, segundo um determinado modelo, de acordo com certos princípios e regras” (TEODORESCU, 1977, apud GARGANTA; GREHAIGNE, 1999).

Em uma equipe, a interação existente entre seus elementos é de extrema importância na busca dos objetivos deste grupo. Durante uma partida, esta relação entre os membros da equipe se sobrepõe aos objetivos individuais dos atletas, transformando este em uma unidade.

Garganta e Grehaigne (1999) caracterizam o futebol como um sistema hierarquizado, especializado e dominado pela estratégia, formando assim um sistema adaptativo complexo. As relações estabelecidas intra e inter equipe são de dependência e interdependência. Os mesmos autores ainda afirmam que, por estas relações se passarem no mesmo terreno, havendo mudanças de um estado para outro dentro do sistema, este pode ser classificado como um sistema acontecimental.

Dentro do sistema, os elementos interagem constantemente, influenciando e sendo influenciado, seja pelos elementos de sua equipe ou da equipe adversária.

Sub Sistemas

Sabendo-se que cada sistema pode ser dividido, Garganta e Grehaigne (1999) dividiram o futebol em 3 subsistemas. Transferindo estas divisões para o futsal (modalidade esportiva com estrutura muito similar ao futebol), podemos dividir o macro sistema em:

- Subsistema equipe, elemento fundamental no macro sistema, onde seus elementos estabelecem certo nível de cooperação e confronto;
- Subsistema confrontos parciais, caracterizado pela oposição entre pequenos grupos dentro da partida;
- Subsistema confrontos elementares, que representa as situações de oposição direta (1x1), durante a partida.

Características

As recentes teorias acerca das metodologias de ensino dos JDC (Jogos Desportivos Coletivos) vêm se solidificando em uma direção diferente daquela adotada pelo método tradicional ou analítico.

Partindo do princípio que os JDC são fortemente caracterizados pelo seu teor tático, se vê necessário uma metodologia de ensino que consiga fazer o iniciante pensar e achar soluções para as dificuldades impostas pelo jogo.

O Método Sistemático tem sua forma centrada nos Jogos Condicionados, que tem como característica a possibilidade de desmontagem do jogo em unidades funcionais (e não em elementos técnicos) que podem ser reconstruídas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que os princípios do jogo controlem esta aprendizagem (GARGANTA, 1998).

Neste processo, a técnica surge em função da tática, de forma dirigida e intencional, onde os alunos desenvolvem uma inteligência tática, interpretando e aplicando corretamente os princípios do jogo (DAOLIO; MARQUES, 2003). A participação, o posicionamento e a movimentação dos jogadores se tornam mais importante do que a execução do gesto técnico.

Knijnik (2004) utiliza o termo “jogar para aprender” para caracterizar este método de ensino. Ele afirma que os fundamentos técnicos só existem se forem utilizados e ensinados no contexto do jogo. O ensino do gesto técnico não pode ser o fim de um processo, mas sim um artifício que o praticante tem para conseguir o objetivo final, que é jogar.

Níveis de relação

Devido à complexidade do jogo, o aluno deve ter conhecimento e controle sobre os vários elementos do jogo: bola, posicionamento, objetivo (alvo), adversário e colegas e, para isso, o ensino deve ser feito de forma progressiva, do simples para o complexo, do fácil para o difícil (GARGANTA, 1998). Este autor divide, didaticamente, os níveis de relação existentes no jogo:

- **Eu - bola:** Familiarização com o implemento do jogo e seu controle;
- **Eu - bola - alvo:** Objetivo do jogo, finalização;
- **Eu - bola - adversário:** Atenção sobre a oposição existente no jogo, conservação da posse da bola e busca do objetivo;
- **Eu - bola - colega - adversário:** Desmarque, passe, jogo a 2;
- **Eu - bola - colegas - adversários:** Criação e anulação de linhas de passe, coberturas;
- **Eu - bola - equipe - adversários:** Jogo formal, aplicação dos princípios do jogo.

Princípios do jogo

Para uma maior facilidade de assimilação das informações do jogo pelos praticantes, Garganta (1998) dividiu os JDC em unidades funcionais, que engloba diversos princípios do jogo. São eles:

Estruturação do espaço	Defensivo	Utilização do espaço
		Jogo próximo e distante da bola
		Equilíbrio na ocupação dos espaços
	Ofensivo	Criação de espaços e ocupação dos mesmos
		Jogo em profundidade
Comunicação na Ação	Defensivo	Contenção do ataque
		Retomada da posse da bola
		Ocupação das linhas de passe
		Cobertura
	Ofensivo	Desmarque
		Superioridade numérica
Relação com a bola	Equilíbrio nos apoios	
	Leitura das trajetórias	
	Proprioceptividade	
	Visão Periférica	

Quadro 2 - Princípios do jogo

Fonte:Garganta (1998)

Modelo pendular

Daolio (2002) propõe um modelo pendular de ensino dos esportes coletivos, baseado em alguns conceitos de Claude Bayer.

O objetivo deste modelo é mostrar que os princípios operacionais dos esportes coletivos são básicos para todas as modalidades, e o que as diferencia são seus gestos técnicos específicos.

Transferindo este modelo para o ensino dos JDC, os princípios operacionais são necessários para a compreensão e práticas das modalidades esportivas, de forma não exclusiva, no início do processo de ensino-aprendizagem.

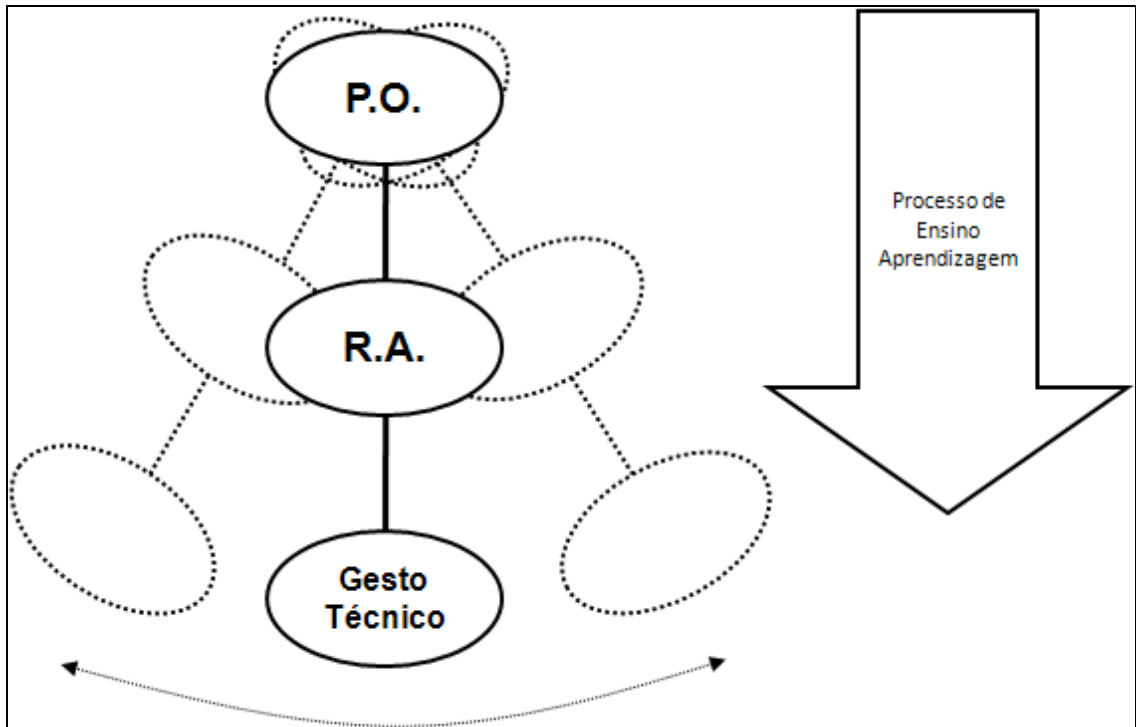
O próximo passo (centro do pêndulo) é referente às regras de ação, onde começam a ser ensinadas as características da modalidade em questão, não a execução do gesto técnico, mas na resolução de problemas inerentes ao jogo, seja individual ou coletivamente.

Na extremidade do pêndulo se encontram os gestos técnicos específicos da modalidade esportiva. É somente nesta fase que começa a ser dada uma ênfase maior a execução do gesto, aumentando o grau de especificidade.

Colocando este pêndulo em movimento percebemos uma movimentação pequena, quase inexistente, nos princípios operacionais e esta movimentação vai aumentando nas regras de ação até chegar aos gestos técnicos, que sofre maior movimentação, isto quer dizer, maior variação no momento do ensino/aprendizagem.

Daolio sugere, neste modelo, que o processo pedagógico siga a seguinte seqüência: Princípios Operacionais, Regras de Ação e Gestos Técnicos.

Figura 1 - O modelo pendular



Fonte: Daolio (2002)

6 CONCLUSÃO

Os estudos referentes ao ensino dos Jogos Desportivos Coletivos têm avançado significativamente nos últimos anos, principalmente a partir das idéias de Claude Bayer e Julio Garganta.

A aprendizagem dos JDC não deve restringer-se apenas a uma repetição de gestos técnicos previamente estabelecidos, transformando os atletas em máquinas que apenas repetem o que lhe foi transmitido e que, se não atingirem os objetivos traçados, passam a não ter mais utilidade.

O importante neste processo é conseguir desenvolver nestes atletas a capacidade de entender o jogo, seus princípios de ação e formas de comunicação. O aumento do repertório motor e do condicionamento físico também deve ser um dos objetivos deste processo.

A ênfase, no início do processo de aprendizagem esportiva, deve ser dada a qualidade do praticante, a sua evolução nos aspectos táticos e técnicos transmitidos a ele, e não na obtenção do resultado imediato. A ênfase dada ao resultado pode trazer sérios prejuízos na formação do jovem praticante, levando até ao abandono da prática esportiva.

Acima de tudo, o processo de ensino aprendizagem deve ser capaz de construir o caráter do praticante, transmitindo a ele sentimentos de cooperação, solidariedade, criatividade, iniciativa e respeito. Os valores éticos, sociais e morais devem ser transmitidos através das inúmeras possibilidades que o conceito de esporte abrange.

Neste aspecto, a função do educador se torna fundamental neste processo, sendo não apenas o responsável pelo ensino dos aspectos táticos e técnicos da modalidade, mas também da transmissão destes conceitos importantes para a formação do caráter do indivíduo.

A teoria do ensino-aprendizagem dos Jogos Desportivos Coletivos, apesar dos avanços recentes, ainda necessita de um maior aprofundamento. No entanto, a peça fundamental neste processo continua sendo o educador, que deve ter a sensibilidade de detectar, de acordo com o grupo com o qual está trabalhando, qual a melhor linha a seguir.

REFERÊNCIAS

1. BAYER, C. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa, Dinalivros, 1994.
2. BOMPA, T.O. Treinamento total para jovens campeões, São Paulo, Manole, 2002
3. DAOLIO, J. Jogos desportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v.10, n.4, p. 99-104, 2002
4. DAOLIO, J.; MARQUES, R. F. R. Relato de uma experiência com o ensino de futsal para crianças de 9 a 12 anos. Motriz, v.9, n.3, p. 169-174, 2003
5. DE ROSE JUNIOR, D. A Criança, o jovem e a competição. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Ed.). Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre-RS: Artmed, p.67-76, 2002.
6. GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. Revista Movimento, Porto Alegre, n.8, p. 19-27, 1998
7. _____. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: A. Graça & J. Oliveira (Eds.). O ensino dos jogos desportivos colectivos. 3 ed. Porto, Universidade do Porto, 1995
8. GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: Moda ou necessidade? Revista Movimento, Porto Alegre, v.6, n.10, p. 40-50, 1999
9. GRAÇA , A.; OLIVEIRA, J. (Eds). O ensino dos jogos desportivos. 3ed. Porto, Universidade do Porto, 1998.

10. GRÉHAIGNE, J. F.; GUILLON, R. L'utilisation des jeux d'opposition a l'école. Revue de l'éducation physique, v. 32, n.2, p 51-67, 1992
11. HERNANDEZ-MORENO, J. Análisis de las estructuras del juego deportivo. Barcelona, INDE, 1993
12. KNIJNIK, JORGE DORFMAN. Conceitos básicos para a elaboração de estratégias de ensino e aprendizagem na iniciação à prática do handebol. Revista Ludens – Ciências do Desporto, Lisboa, 2004, p. 75-81
13. MUTTI, D. Futsal: da iniciação ao alto nível. São Paulo Ed. Phorte, ed.2, 2003
14. SCAGLIA, A. J. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. Motriz, v.2, n.1, 1996
15. <www.cbfs.com.br>. Acesso dia 10 set. 2008
16. <www.futsal.com.br>. Acesso dia 22 set. 2008
17. <www.pedagogiadofutsal.com.br>. Acesso dia 02 out. 2008